

UMA INTERESSANTE VIAGEM

Cansado daquela monótona vida confinada numa constante mesmisse pincelada com uma tinta forte se solidão, resolvi fazer uma viagem a fim de conhecer coisas novas e descobrir o que o mundo poderia me proporcionar e apresentar.

Numa mochila, não muito grande, coloquei a minha vontade, o meu ânimo e toda a coragem que tinha guardado para alguma ocasião que deles precisasse – eu sabia que em algum dia isso iria acontecer!

Sem me despedir de ninguém e sem pedir licença, ganhei estrada e me aventurei num caminho em que a cada esquina, a cada parada havia surpresas inimagináveis e surpreendentes.

Como eu não conhecia bem o caminho que escolhi aleatoriamente para seguir, pedi para que um velho senhor chamado Destino me acompanhasse. Ele, com um sorriso sábio e preciso na face, disse que mesmo eu não querendo a sua companhia ele sempre estaria junto de mim dirigindo meus passos a um grande castelo sombrio cujo nome da proprietária ele não quis me dizer. Disse-me só que todos nós, em algum dia, entregaremos nossas almas a dona desse castelo. A princípio fiquei assustado com o que ele me falou, mas resolvi não dar muita importância e fui apenas caminhando .

Sempre firme atrás de mim, o senhor Destino pediu para que eu entrasse logo ali na próxima curva a qual, de início, me deu muito medo. Havia uma névoa muito fechada que impedia a minha visão - tudo parecia incerto e movediço. De repente, uma grande sombra cinza se aproximou e disse que iria me acompanhar também durante a viagem. Aquela sombra, de aspecto temível e pálido, se apresentou e sem que eu perguntasse seu nome, disse que se chamava Medo.

Olhei para o senhor Destino e ele nada fez. Eu não estava gostando muito daquela nova companhia e então abri minha mochila e peguei um pouco da minha coragem que espalhei pelo caminho. O Medo, muito ofendido e se sentindo ultrajado, logo foi embora e lá longe uma ponta de luz começou a brilhar e se aproximar de mim: era a Esperança! Quando ela estava bem próxima, senti uma força que me abraçou e me acalentou. Ela, graciosamente, me deu de presente uma grande quantidade de tranqüilidade e me aconselhou a não esmorecer e continuar a minha viagem, mesmo porque o Destino não ia me dar tréguas!

*.
.
.*

Eu estava faminto - estava andando há muito tempo, então, desfiz o embrulho que a Esperança me deu e devorei quase todo o resto da tranqüilidade que custou a ser digerida e com isso senti uma paz enorme dentro de mim, mas não podia parar para descansar porque o senhor Destino sempre me empurrava para frente não me dando tempo para refletir e repor minhas energias - ele era implacável e sempre dizia num tom severo para que eu aproveitasse tudo aquilo que ia surgindo no meu caminho, que eu não ignorasse nada, pois não teria volta!

Continuei minha caminhada, e depois de muito andar esbarrando-me com verdades, mentiras, dores, prazeres, tristezas, alegrias,

encontrei a Solidão que passou a caminhar comigo por algum tempo. Às vezes a sua companhia me fazia refletir um pouco sobre o que eu já havia vivido e isso me fez abrir os olhos e perceber que só a companhia do senhor Destino não era o suficiente – faltava algo.

Com muito jeito para não magoar Solidão, disse a ela que não queria mais a sua companhia, pois ela era sempre fria e profundamente dura - ela sempre escolhia caminhos que serviam de atalho para fugir dos braços da Amizade e do Amor os quais eu muito queria encontrar há tempos.

Abri novamente a minha mochila e pequei toda a minha coragem que restava e me despedi da Solidão assim que vi a Amizade logo ali perto de mim meio tímida, meio não querendo se aproximar. Mas sempre muito positiva e solícita, Amizade se mostrou, ficou, me acompanhou e finalmente me apresentou alguém muito especial que fez minha alma oscilar, minha barriga gelar, meu sangue correr aceleradamente pelas veias - Amizade me apresentou à Paixão. Ela era muito ansiosa, nervosa, inflamada que, aos poucos, com a sua ânsia, consumiu toda a minha tranqüilidade.

Sem que eu percebesse, a Paixão me deixou alegando que eu não estava mais alimentado-a como ela queria, mas o seu lugar foi ocupado por alguém menos quente, mas muito mais agradável, doce que aos poucos foi se aproximando sem pedir licença como alguém meio atrevido: o Amor!

Agarrei-me nos braços dele para nunca mais deixá-lo, pois estávamos a cada dia mais unidos, mas como o senhor Destino não me deixava nem por um minuto - às vezes eu é que fazia de conta que ele não estava ao meu redor - chamou o mensageiro da dona daquele castelo sombrio e ordenou implacavelmente que carregasse o Amor para longe de mim. E assim foi feito.

*.
.
.*

Restava-me na mochila um pouco de ânimo e continuei a minha viagem – o senhor Destino definitivamente não me deixava. Novamente me encontrei com Esperança – ela sempre esteve junto de mim quando mais precisava. Vendo-me naquela triste situação, ela tratou logo de espantar o Desânimo que se aproximava lentamente e pediu para que eu me animasse porque ela pessoalmente iria me acompanhar assegurando-me que ela seria a última a ser levada para o castelo sombrio da Morte – é o que sempre ouvi falar também, que ela é a última que morre!

*.
.
.*

Ainda não terminei a minha viagem. Ainda tenho muito para caminhar. A Esperança ainda continua ao meu lado e tenho certeza de que muitas sensações ainda passarão por mim. Por que tenho esta certeza? É porque o senhor Destino, como sempre, vive me empurrando e soprando no meu ouvido que ainda tenho algum tempo de viagem.

*.
.
.*

*E você?
Já fez a sua mala?
Corra! A estrada é toda sua!
Não perca tempo nem se desanime com tudo que aparecer
pela sua frente!*

Jorge Luís Torresan – janeiro/2008.